

UMA REFLEXÃO SOBRE O ARQUÉTIPO
DA GRANDE MÃE NO ÍCONE DE NOSSA
SENHORA MÃE DO BOM CONSELHO

Reginaldo de Abreu Araujo da Silva
Mestrando em Ciências da Religião – PUC-SP
frregi@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o arquétipo da Grande Mãe, a partir da abordagem junguiana, analisando o quadro ou ícone de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho. O ponto de partida é a devoção dos frades da Ordem de Santo Agostinho, que administram o Santuario Maddona Del Buon Consiglio, em Genazzano, na Itália, e têm-na como Mãe especial de sua Ordem religiosa. Perscrutando as figuras da mãe e do filho, presentes no quadro, a reflexão recairá sobre elementos do arquétipo da Grande Mãe e do arquétipo da Criança, concluindo que essa obra religiosa está carregada de elementos da psique humana, entre os quais o encontro dialético do desejo de refúgio e aconchego com o desejo de luz e de consciência.

Palavras-chave: arquétipo; ícone; mãe; criança.

Abstract: The objective of this article is to think about the Great Mother archetype, in the Jungian approach, analyzing the painting or icon of Our Lady, Mother of Good Counsel. The point of departure is the devotion of Saint Augustine Order friars, who manage Santuario Maddona Del Buon Consiglio, in Genazzano, Italy, and have Her as special mother of their religious Order. We will scrutinize the figures of the mother and the son, present in the picture, in order to reflect on the elements of the Great Mother archetype and the Child archetype. We conclude that this religious masterpiece is fraught with elements of the human psyche, such as the dialectic meeting between the refuge and protection desire and the light and conscience desire.

Key-words: archetype; icon; mother; child.

Introdução

Este artigo visa fazer uma reflexão acerca do arquétipo da Grande Mãe, a partir da psicologia junguiana, analisando o quadro ou ícone de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho. Esse título de Nossa Senhora tem a devoção difundida e cultivada na Igreja Católica, de modo especial pelos frades da Ordem de Santo Agostinho, os quais administram o Santuario Madonna Del Buon Consiglio, em Genazzano, na Itália, onde está a representação mundial dessa devoção, e têm-na como Mãe especial de sua Ordem.

Sua representação na arte católica é através da iconografia, ou seja, sua imagem é representada especificamente por um ícone ou um quadro, não havendo uma estátua, quadro esse que será o objeto de estudo desta reflexão e que será apresentado na página 49, permitindo a visualização dos aspectos e elementos estudados.

Por se tratar de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, poderemos enveredar pela trilha da fé católica na Mãe e no Filho, o Menino Jesus, o que permitirá perceber a existência de características do arquétipo da Grande Mãe ou a Mãe Deusa ou o Grande Feminino, assim como do arquétipo da criança. Como base da reflexão junguiana, serão adotadas as obras História da origem da consciência e A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente, ambas de

Erich Neumann (1968, 1974), e o capítulo “A psicologia do arquétipo da criança” de Carl Gustav Jung (2003), na sua obra Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Para ajudar a elucidar os elementos do quadro, será utilizado o livro Nossa Senhora do Bom Conselho, do padre agostiniano Matias Boñar (1997). Esperamos, assim, alcançar o objetivo de fazer a reflexão psicológica do elemento religioso.

Os frades agostinianos e Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho

Faremos uma reflexão junguiana sobre o ícone de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, título pelo qual os frades da Ordem de Santo Agostinho têm uma devoção especial à Nossa Senhora. A Ordem de Santo Agostinho, em seu *Calendarium Liturgicum pro Anno 2005 (Ordo Sancti Augustini, 2005, p. 5)*, refere-se em latim a *Beatae Mariae Virginis, Matris Boni Consilli*. Traduzindo esse título para o português, temos Nossa Senhora, Mãe do Bom Conselho. Assim, para os agostinianos, ela é a mãe da Ordem Agostiniana. E eles adotam essa mãe como a padroeira de muitas paróquias, conventos, colégios e mosteiros, utilizando sempre as referências de Mãe e de Bom Conselho como pontos-chave de sua devoção. No *Catalogus Ordinis Sancti Augustini (O.S.A.)*, encontramos todas as denominações e sua localização. Por exemplo, em Suffolk, Reino Unido, há o mosteiro de Clare – *Mother of Good Counsel Priory (Priorado Mãe*

do Bom Conselho em Clare); em St. Clair, na Austrália, há o Mother of Good Counsel Priory (Priorado Mãe do Bom Conselho em St. Clair); em Laguna, nas Filipinas, há a Mother of Good Counsel Parish (Paróquia Mãe do Bom Conselho), em Los Angeles, nos Estados Unidos, há a Our Mother of Good Counsel Parish (Paróquia Nossa Mãe do Bom Conselho); em Genazzano, na Itália, há o Santuário Madonna Del Buon Consiglio (Santuário Nossa Senhora do Bom Conselho); na Cidade do México há a Iglesia Nuestra Señora Del Buen Consejo (Nossa Senhora do Bom Conselho); em Madri, na Espanha, há Colegio Nuestra Señora del Buen Consejo (Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho); em Paceville, em Malta, há o Our Lady of Good Counsel Priory (Priorado Nossa Senhora do Bom Conselho); em Ondo State, na Nigéria, há o Our Lady of Good Counsel Priory (Priorado Nossa Senhora do Bom Conselho); em São Paulo, no bairro de Vila Mariana, há a Residência Vicarial Nossa Senhora do Bom Conselho, no Belenzinho, há o Seminário Mãe do Bom Conselho, no Jardim Andaraí, há a Comunidade Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho e a Obra Social Mãe do Bom Conselho (cf. Prevost Osa, 2005).

Podemos constatar, com todos esses exemplos, que a devoção agostiniana é mundial e que Nossa Senhora é invocada como aquela mãe que dá o bom conselho aos agostinianos e estes demonstram se sentirem filhos da Mãe do Bom Conselho. Partindo dessa observação, vamos refletir sobre quais aspectos da Grande Mãe podemos encontrar no ícone dessa Nossa Senhora a partir de uma leitura junguiana.

História

Com base no livro *Nossa Senhora do Bom Conselho*, do padre agostiniano Matias Boñar (1997), espanhol que trabalhou muitos anos em São Paulo, constatamos que o dia festivo de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho é 26 de abril, devido aos fatos relatados sobre os dias 25 e 26 de abril de 1467, em Genazzano, Itália.

Desde 1278, os religiosos agostinianos estão em Genazzano e, no dia 25 de abril de 1467, na festa do então padroeiro do lugar, o evangelista São Marcos, relata-se que

[...] à tarde, quando maior número de pessoas se concentrava nos arredores do templo dos Padres Agostinianos, começaram a se ouvir harmonias encantadoras. Uma nuvem luminosa irradiava resplendores mais brilhantes que o próprio sol. No foco central da nuvem, a atônita multidão pôde perceber uma Imagem fascinante da Rainha do Céu que, descendo majestosa e sorridente, vinha tomar posse daquele templo por Ela escolhido como sua morada. Sinos movidos por mãos invisíveis lançavam ao ar seus sons festivos saudando a celestial Senhora. [...] A partir desse insólito acontecimento, os Padres Agostinianos começaram a espalhar o culto a Nossa Senhora do Bom Conselho. A Virgem Maria é honrada com este título, pois é a Mãe de Cristo, o qual é chamado por Isaías 9,5 'Admirável Conselheiro'. Ela viveu toda a sua

vida sob a direção do ‘Espírito de Conselho’ e ‘aderiu intimamente’ ao divino ‘Conselho’. [...] Foi cumulada por Deus dos dons do Espírito, entre os quais sobressai ‘o espírito de Sabedoria’ e o ‘dom do Conselho’. A riqueza desses dons Ela comunica prazerosa aos filhos e discípulos, aconselhando-os que executem o que ‘Cristo lhes mandar fazer’. (Boñar, 1997, pp. 3-5)

Desse modo, surgiu a imagem de Nossa Senhora como a Mãe do Bom Conselho, aquela que dá a todos o melhor conselho, isto é, fazer o que Cristo mandar, conforme capítulo 2, versículo 5 do Evangelho de João.¹ O Pe. Matias continua nos contando de onde veio a imagem que, segundo relatam, apareceu milagrosamente em Genazzano.

Os fiéis pensavam que a Imagem teria vindo do Céu. Mas, dias depois, dois peregrinos estrangeiros desvendaram o mistério. Eram dois albaneses que, fugindo da perseguição dos turcos, vinham da cidade de Escútari (Albânia) acompanhando a prodigiosa Imagem, que, pelo mesmo motivo, abandonara o Santuário onde ela era venerada. Os afortunados peregrinos vinham seguindo a Imagem atravessando rios, vales e montanhas, escalando alturas e cruzando precipícios, inclusive o mar Adriático, que passaram a pé firme sem experimentar fome, sede e fadiga. Chegando às portas da Cidade Eterna, a Imagem desapareceu de suas vistas. Foram dias de angústia à sua procura.

Por fim, nasce o sol da esperança. Corre a notícia do que sucedera na cidade de Genazzano. Para lá se dirigem e constatam ser a mesma encantadora Imagem que eles vinham seguindo. Caem de joelhos exultantes de felicidade e, com demonstrações de extraordinária emoção, narram ao povo estupefato as maravilhas de sua divina Rainha. Agora, lá estão eles para cantar um hino de louvor e agradecimento às misericórdias de Maria. Infelizes as almas que se fazem credoras do abandono de tão carinhosa Mãe! (Ibid., p. 6)

A imagem de que fala o Pe. Matias é o ícone que vamos analisar. Esse ícone é um quadro cuja cópia chegou ao Brasil em 1785 pelas mãos do padre jesuíta José de Campos Lara, que voltava da Itália.

Estando no porto de Civita Vecchia, à espera de um navio, apresentou-se lhe um jovem desconhecido, dizendo: ‘Naquele navio que aparece ao longo, você poderá viajar; leve consigo este quadro com a imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho. No lugar onde for venerada esta Imagem, terá início de novo a Companhia de Jesus.’ Com tão rico presente, o Pe. Lara viajou até o Rio de Janeiro [...] dirigindo-se, em seguida, para a cidade de Itu (SP), lugar de sua residência. [...] Em 1867, os Padres Jesuítas fundaram nessa cidade de Itu o Colégio São Luís, sendo nele venerada a Imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho até o ano de 1917, época em que, ao trasladar o Colégio para a cidade de São Paulo, na Av. Paulista, quiseram que também aqui a bendita Imagem ocupasse um lugar de destaque. [...] em 1899, chegavam ao Brasil os primeiros Religiosos Agostinianos e, posteriormente, novos

¹ Todas as citações e referências aos textos bíblicos estão em Bíblia Sagrada (1990).

grupos de Padres e Religiosas da mesma Ordem contribuíram para maior divulgação da devoção à Nossa Senhora do Bom Conselho, no Brasil. (Boñar, 1997, pp. 6-7)

A seguir, podemos observar o ícone da Mãe do Bom Conselho, conforme a capa do Livro do Pe. Matias Boñar:



NOSSA SENHORA MÃE DO BOM CONSELHO

O arquétipo da Grande Mãe e o ícone de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho

Comparando os nossos estudos do arquétipo da Grande Mãe em Erich Neumann e do arquétipo da Criança em C. G. Jung com as definições do Pe. Boñar acerca do quadro de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, podemos fazer uma profunda reflexão junguiana.

O Pe. Boñar diz que na imagem “contemplamos a Mãe e o Filho intimamente unidos. Maria segura o Filho com ambas as mãos. [...] É para nós que Ela cuida dele. Protege e envolve o Filho nas dobras de seu manto” (1997, pp. 7-8).

Aqui já começamos a vislumbrar o arquétipo da Grande Mãe, pois lembramos o que diz Neumann: “Tudo o que é grande e envolvente e que contém, circunda, envolve, protege, preserva e nutre qualquer coisa pequena pertence ao reino maternal primordial” (1968, p. 31). Em Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, vemos esse envolvimento, essa proteção, como

afirma o Pe. Boñar. Ela faz vislumbrar esse reino maternal primordial e, nas palavras do Pe. Boñar, citadas acima, são infelizes aqueles que acreditam estar abandonados de tão carinhosa Mãe. Observando o quadro, vemos ainda esse aspecto do refúgio no colo da Mãe assim como percebemos o ego infantil.

Que admirável! Jesus se apoia em Maria e se refugia no seu Imaculado Coração. É o fruto na árvore que o deu ao mundo. Deus, que sustenta o mundo, descansa no colo de Maria e se acolhe sob seu manto. [...] Isso há de inspirar-me ilimitada confiança porque é Mãe onipotente por graça, é sustento de minha fraqueza, é refúgio e asilo dos pecadores. (Boñar, 1997, p. 9)

Neumann diz que o homem vivencia o ego infantil quando “envolto e sustentado pela grande Mãe Natureza, embalado nos seus braços, o homem é entregue a ela para o bem ou para o mal” (1968, p. 31).

Na relação da mãe e da criança que vemos no quadro da Mãe do Bom Conselho, podemos encontrar o estágio da uroboros maternal que:

[...] se caracteriza pela relação entre a criança pequena e a mãe que alimenta, mas é, ao mesmo tempo, um período histórico em que a dependência do homem com relação à terra e à natureza alcança o auge. Ligada a ambos os aspectos, há a dependência do ego e da consciência diante do inconsciente, cuja predominância determina esse estágio da existência. (Ibid., 1968, p. 50)

Encontramos, também, na Mãe do Bom Conselho, a identidade da personalidade feminina com o corpo-vaso: o recipiente onde se forma a vida. Podemos perceber que Nossa Senhora é o vaso que preserva, contém e protege, comparando com as definições de Neumann. Nossa Senhora tem:

[...] as funções básicas do Feminino – a quem cabe nutrir, dar calor, proteger, amparar, sem mencionar as funções do dar vida e do parir [...]. O Feminino parece ter essa ‘grandeza’ porque aquilo que é contido, protegido e nutrido, que recebe calor e amparo, é sempre o pequenino, o desamparado e o dependente, completamente à mercê do Grande Feminino. (Neumann, 1974, p. 49)

Ainda segundo Neumann, no simbolismo do ventre-vaso há a função de conter. E o pequenino está contido. O estar contido pode ser também simbolizado pelos seguintes exemplos: ninho, berço, leito, navio, carroça, esquife. E o caráter vaso do feminino pode ser simbolizado por vestimentas, tais como a camisa, o vestido, o casaco, o véu (cf. 1974, pp. 50-51).

Observando atentamente o quadro da Mãe do Bom Conselho, vemos que a mãe “protege e envolve o Filho nas dobras de seu manto” (Boñar, 1997, p. 8). Essa é uma caracterização do

estar contido do Filho Jesus no ninho do manto da mãe e também esse manto simboliza o caráter vaso do feminino de que fala Neumann, assim como o véu, que na imagem “cobre a cabeça da Mãe e continua a envolver o Filho” (ibid., p. 8).

Outra característica do arquétipo da Grande Mãe que podemos perceber no ícone é o que Neumann chama de incesto urobórico. O Pe. Boñar chama a atenção para o fato de que estão “Mãe e Filho estreitamente unidos. [...] As pulsações do Coração da Mãe são um eco das pulsações do Filho. Ambos funcionam no mesmo ritmo, em perfeita sintonia” (ibid., p. 11). Essa estreita união remete à compreensão de que o incesto urobórico vem a ser:

[...] uma forma de penetração na mãe, de união com ela, contrastando com outras formas de incesto posteriores. [...] é um deixar-se tomar passivamente, um submergir no pleroma, um perecer no oceano do gozo e morrer no amor. [...] O incesto que chamamos de urobórico é o abandono de si mesmo e o regresso. É a forma de incesto do ego infantil, que ainda se acha muito próximo da mãe e ainda não encontrou a si mesmo. (Neumann, 1968, pp. 32-33)

No ícone da Mãe do Bom Conselho temos, ao lado do arquétipo da Grande Mãe, o arquétipo da Criança, representado pelo Menino Jesus, arquétipo que indica a condição de futuro, de tornar-se. Para Jung, a “criança significa algo que se desenvolve rumo à autonomia”. Ela não pode tornar-se sem desligar-se da origem: o abandono é pois uma condição necessária, não apenas um fenômeno secundário”. Para tal, é necessário “um símbolo que lhe mostre a exigência do desligamento da origem” (2003, p. 169). Mas, enquanto esse desligamento não acontece, enquanto esse símbolo não aparece,

[...] a ‘criança’ permanece uma projeção mitológica que exige uma repetição pelo culto e uma renovação ritual. O Menino Jesus, por exemplo, permanece uma necessidade cultural, enquanto a maioria das pessoas ainda é incapaz de realizar psicologicamente a frase bíblica: ‘A não ser que vos torneis como as criancinhas’. (Ibid., p. 169)

O arquétipo da criança no Menino Jesus mantém a sua característica cultural também porque, como diz Jung, esse arquétipo “expressa a totalidade do ser humano. Ela [a criança] é tudo o que é abandonado, exposto e ao mesmo tempo o divinamente poderoso, o começo insignificante e incerto e o fim triunfante” (ibid., p. 178).

O Menino Jesus lembra o limite humano, pois é homem, e, ao mesmo tempo, lembra o infinito de Deus, pois é Deus. Isto é que permite a sua imagem de eterna criança, apresentada no ícone, pois, para Jung,

[...] a ‘eterna criança’ no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem e uma prerrogativa divina, um imponderável que constitui o valor ou desvalor último de uma personalidade. (Jung, 2003, p. 179)

Voltando a contemplar o ícone do ponto de vista do arquétipo da Grande Mãe, somos incentivados pelo Pe. Boñar a nos dar conta de que há um desejo de acesso à luz, pois há uma luz que envolve o rosto de Nossa Senhora “e quem é iluminado por estes raios torna-se sinal de luz para os homens” (1997, p. 10). A luz no rosto da mãe é o sinal de que há um desejo, um impulso de consciência, pois, como nos diz Neumann, “a luz e a consciência andam juntas” (1968, p. 36). Assim, esse quadro que apresenta a mãe tão natural com seu filho nos braços remete-nos à evolução que há em direção à consciência que é “não natural na natureza” (ibid., p. 32).

A prece do Pe. Boñar perante o quadro da Mãe do Bom Conselho, pedindo-lhe “Ó Mãe, que eu saiba escutar os reclamos de minha consciência [...]” (1997, p. 12) configura mais intensamente a busca da consciência, o apelo para que se comece a experimentar a consciência.

Dissemos acima que os frades agostinianos têm explicitamente a mãe espiritual na Mãe do Bom Conselho, por isso dirigem a ela preces, pedidos de intercessões, fazem-lhe homenagens, dedicando-lhe suas igrejas e obras. São frades da Igreja Católica que, por tradições antigas, cultivam a permanência do hábito religioso, isto é, uma vestimenta em forma de vestido e que tem como complemento uma correia com a qual são cingidos, conforme se pode constatar no artigo 59 do capítulo IV da 2ª. parte da Regra e Constituições da Ordem de Santo Agostinho (União dos Agostinianos do Brasil, 2003). Segundo a lenda transmitida oralmente pelos frades, a correia é utilizada de longa data, pois Santa Mônica, a mãe de Santo Agostinho, teria tido um sonho com Nossa Senhora, que lhe entregara um hábito com uma correia e lhe dissera que seu filho, Agostinho, se converteria e utilizaria aquele hábito com a correia. Há aqui um duplo aspecto de ligação forte com o arquétipo da Grande Mãe, ou seja, a vestimenta com a correia se originam com base num sonho com a Mãe, Nossa Senhora, e a vestimenta é característica dos homens que se castram “por causa do Reino do Céu”, conforme o capítulo 19, versículo 12c do Evangelho de Mateus e conforme também o artigo 61 do capítulo IV da 2ª parte da Regra e Constituições da Ordem de Santo Agostinho (União dos Agostinianos do Brasil, 2003). Essa castração, hoje simbólica, é explicada por Neumann como a dos jovens que personificam a primavera e que “pertencem à Grande Mãe, são os seus servos, a sua propriedade, porque são os seus filhos e a sua geração”. Neumann diz que “os eunucos são os ministros e sacerdotes eleitos da grande Mãe Deusa. São os que sacrificaram a ela o que é para ela o mais importante – o falo” (1968, p. 56). Neumann também nos explica que no culto da Grande Mãe “a castração é uma forma de destinação do portador do falo, o jovem deus” (ibid., p. 59).

O aspecto da vestimenta em forma de vestido lembra o uso de roupas femininas, “que é preservado nas vestes dos padres católicos de hoje” no qual “o sacrifício é levado ao ponto da identificação com a Grande Mãe” (ibid., p. 60).

Porém, é preciso lembrar aqui que, em nossos dias e em nossa sociedade patriarcal, devido à crescente autoconscientização e ao fortalecimento da masculinidade, a identificação com a Grande Mãe sofre uma passagem para o segundo plano (cf. Neumann, 1968, p. 82), gerando nos seres humanos a angústia do vazio dessa identificação. Daí valores vitais aos seres humanos, como o afeto, o acolhimento, o amor, que acabam soterrados pela fragmentação gerada pelo patriarcado, precisam ser resgatados pelo culto do Arquétipo do Feminino ou da Grande Mãe, o que, como pudemos ver, é possibilitado pela contemplação de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho.

Conclusão

Este artigo pretendeu refletir psicologicamente um símbolo religioso, que é o quadro de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, objetivando detectar nele os elementos do arquétipo da Grande Mãe e do arquétipo da Criança, os quais são explicitados pela psicologia junguiana.

Pôde-se perceber nitidamente o vínculo entre os elementos psicológicos e uma produção artística religiosa. A Mãe do Bom Conselho é uma Grande Mãe. O Filho, o Menino Jesus, que, do ponto de vista da fé, é, ao mesmo tempo, o Deus do Universo e o menino nascido de Maria, permite ao ser humano ver-se no aconchego da Grande Mãe, embalado no ninho do Grande Feminino. Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho, que é vista pelos frades agostinianos como Mãe, pôde ser compreendida claramente como o Grande Feminino, como vimos, pois toda a representação do seu corpo, isto é, seus braços, seu colo, seu olhar, tudo denota os aspectos da Grande Mãe que protege, acolhe e nutre o Filho. Também os detalhes de suas vestes completam essa compreensão.

Ficou claro que ao produzir a imagem da Mãe do Bom Conselho, a fé católica deixou revelar conteúdos da psique humana, explicitando a constituição do arquétipo do feminino e, ao mesmo, do ser humano que se revela desejoso do aconchego da Grande Mãe, desejo expresso na figura do Menino. Além disso, pôde-se perceber o desejo humano de chegar à consciência pela luz expressa no rosto da Mãe. Há a ideia do aconchego, do nutrir-se da Grande Mãe, e há também o desejo da consciência.

A figura de Nossa Senhora Mãe do Bom Conselho é uma oportunidade para que as pessoas se vejam, se aconcheguem. Por isso, sua devoção é tão difundida e aceita. Ao mesmo tempo, sua luz impele à consciência. Daí o encontro, que é intrínseco à natureza humana, do sentir-se aconchegado e do sentir-se impelido ao crescimento.

Referências

BÍBLIA SAGRADA (1990). São Paulo, Paulus.

BOÑAR OSA, Pe. M. (1997). Nossa Senhora do Bom Conselho. São Paulo, Loyola.

JUNG, C. G. (2003). Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis, Vozes.

NEUMANN, E. (1968). História da origem da consciência. São Paulo, Cultrix.

____ (1974). A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo, Cultrix.

ORDO SANCTI AUGUSTINI. Calendarium Liturgicum pro Anno 2005. Roma, Curia Generalizia Agostiniana.

PREVOST OSA, P. R. F. (2005). Catalogus Ordinis Sancti Augustini (O.S.A.). Romae, Curia Generalis Augustiniana.

UNIÃO DOS AGOSTINIANOS DO BRASIL (2003). Regra e Constituições da Ordem de Santo Agostinho. Belo Horizonte, Gráfica e Editora O Lutador.